

SADIE MATTHEWS

O ABRAÇO
DA NOITE

Tradução de Catarina Campos

A primeira semana

Capítulo um

Através do vidro do táxi, contemplo a cidade, maravilhada, vejo-a passar em movimento, como um enorme cenário desvelado por um assistente de palco invisível. Dentro do automóvel, sinto-me descontraída, calma e inatingível. Apenas uma observadora. Mas, lá fora, no calor pegajoso de uma tarde de julho, Londres agita-se, implacável e rápida: o trânsito adensa-se nas faixas de rodagem, e as ruas enchem-se de transeuntes, magotes atravessando a estrada à mudança do semáforo. Há corpos por todo o lado, de todos os feitios, idades, tamanhos, raças. Milhões de vidas se desenrolam neste mesmo dia, neste mesmo sítio. A dimensão é avassaladora.

O que é que eu fiz?

Contornamos um enorme espaço verde, colonizado por centenas de pessoas a apanhar sol, e pergunto-me se isto será Hyde Park. O meu pai disse-me que é maior do que o Mónaco. Imagine-se! O principado pode ser pequeno, mas mesmo assim... A ideia arrepia-me e apercebo-me de que estou assustada. O que é estranho, porque não me considero covarde.

Qualquer um estaria nervoso, digo para comigo. Mas não admira que a minha confiança esteja arrasada depois de tudo o que se passou recentemente. Aquela sensação de enjoo habitual invade-me o estômago; tento controlá-la.

Hoje não. Tenho muito mais em que pensar. Além disso, já refleti e chorei de mais. É por isso que aqui estou.

– Estamos quase lá, minha linda – Oiço subitamente uma voz, é a do taxista, as palavras distorcidas pelo intercomunicador. Reparo

que me observa através do retrovisor. – Conheço um bom atalho – diz ele. – Não se preocupe com este trânsito todo.

– Obrigada – respondo, embora não esperasse outra coisa de um taxista londrino; afinal, são famosos por conhecerem todas as ruas da cidade. Foi por isso que me dei ao luxo de apanhar um, em vez de me debater com as linhas do metropolitano. Não trago muita bagagem, mas desagradava-me a ideia de, com este calor, andar a carregá-la para dentro e para fora de carruagens, escadas acima, escadas abaixo. Pergunto-me se o motorista não me estará a avaliar, tentando perceber por que carga de água vou para uma morada tão luxuosa, tendo eu um aspeto tão jovem e vulgar. Uma rapariga simples, de vestido às flores, um casaco de malha vermelho, chinelos de enfiar no dedo e uns óculos de sol a prender o cabelo, apanhado num rabo de cavalo desleixado, com ripas caídas por todo o lado.

– É a primeira vez em Londres, não é? – pergunta, sorrindo-me através do espelho.

– Sim – respondo. Não é exatamente verdade. Vim cá uma vez no Natal, quando era pequena, com os meus pais. Na memória, ficou uma mancha de lojas barulhentas, com montras iluminadas de forma ofuscante e um Pai Natal, cujas calças de *nylon* se rasgaram assim que me sentei ao seu colo e cuja barba branca de poliéster me arranhou suavemente o rosto. Mas não me apetece entrar em grandes conversas com o taxista, e, de qualquer forma, a cidade é bastante nova para mim. Afinal, é a primeira vez que venho sozinha.

– Está sozinha por estas bandas? – pergunta ele, o que me causa algum desconforto, embora esteja só a ser simpático.

– Não, vou ficar em casa da minha tia – respondo, mentindo mais uma vez.

O taxista acena, contente. Estamos agora a afastar-nos do parque; o carro precipita-se com treinada agilidade entre autocarros e automóveis, ultrapassando ciclistas, dobrando esquinas rapidamente e voando pelos semáforos amarelos. Então, afastamo-nos das confusas vias principais e entramos em ruelas ladeadas por grandes mansões de tijolo alaranjado, com entradas vistosas, grades de ferro brilhantes e vasos nas janelas que derramam rebentos luminosos.

Sente-se dinheiro por todo o lado, não apenas nos carros luxuosos estacionados junto às bermas, mas também no aspeto cuidado dos edifícios, dos passeios limpos, das criadas que entrevemos a fechar cortinas contra a luz do sol.

– Está bem na vida, a sua tia – brinca o taxista, quando viramos para uma pequena rua e depois para outra ainda mais estreita.
– Ainda custa uns trocos viver por aqui.

Rio-me, mas não respondo, sem saber o que dizer. De um lado da estrada há umas cavaliças reconvertidas em casas, sem dúvida muito caras; do outro, um edifício enorme de apartamentos, com pelo menos seis pisos, que ocupa quase todo o quarteirão. Pelo estilo *Art Déco*, é fácil perceber que foram construídos por volta de 1930; a fachada é cinzenta, dominada por uma grande porta de noqueira envidraçada. O taxista encosta à frente do edifício e declara:

– Aqui estamos. Randolph Gardens.

Contemplo a pedra e o asfalto.

– Onde estão os jardins? – interrogo-me, espantada. O único verde à vista está nos cestos suspensos com gerânios vermelhos e púrpura, de cada um dos lados da entrada.

– Há alguns anos, devia haver jardins, acho eu – responde o motorista. – Está a ver as cavaliças? Em tempos, eram estábulos. Aposto que havia uns casarões por aqui. Talvez tenham sido demolidos ou bombardeados durante a guerra. – Lança um olhar ao condutor. – São doze libras e setenta, por favor, minha linda.

Remexi a mala e dei-lhe quinze libras.

– Guarde o troco. – Espero ter dado a gorjeta adequada. O taxista não desmaia de surpresa, por isso, devo ter acertado. Aguarda enquanto saio do carro, retiro a bagagem para o passeio e bato a porta. Depois, faz uma habilidosa inversão de marcha na pequena rua e arranca ruidosamente, de volta ao trabalho.

Olho para cima. Estou aqui, então. A minha nova casa. Pelo menos, por um tempo.

Quando passo a porta e me dirijo, ofegante, para a receção com a minha enorme mala, o porteiro de cabelo grisalho olha-me com uma expressão interrogativa.

– Venho para o apartamento de Celia Reilly – esclareço, resistindo

à tentação de limpar o suor da testa. – Ela disse-me que a chave estaria aqui.

– Nome? – pergunta, com maus modos.

– Beth. Quero dizer, Elizabeth Villiers.

– Deixe-me ver. – Funga sobre os bigodes, enquanto procura um documento na secretária. – Ah, cá está. Senhora E. Villiers. Para o número 514, na ausência da senhora Reilly. – Fixa-me com um olhar atento, mas simpático.

– Vai ficar a tomar conta do apartamento?

– Sim. Bem, na verdade, do gato. – Sorrio-lhe, mas não obtenho resposta.

– Pois, tem um gato. Não consigo perceber porque uma criatura daquelas quereria viver dentro de casa, mas é o que é. Aqui tem as chaves. – Faz deslizar um envelope na secretária. – Peço-lhe que assine o livro de registos, por favor.

Faço-o prontamente, e o senhor explica-me algumas regras do prédio enquanto me encaminha para o elevador. Oferece-se para me ir levar a bagagem mais tarde, mas respondo que eu própria tratarei do assunto. Pelo menos, assim, garanto que tenho tudo do que preciso. Um instante depois, estou dentro do pequeno elevador, contemplando o reflexo do meu rosto quente e corado enquanto ele avança lentamente para o quinto andar. Não estou nem de perto nem de longe tão reluzente como tudo à minha volta, mas a minha cara bolachuda e os meus olhos azuis e redondos nunca estarão à altura daqueles rostos angulosos e elegantes que tanto admiro. E o meu cabelo fino e castanho-claro, pelos ombros, nunca será aquela cabeleira naturalmente volumosa e acetinada por que sempre ansiei. Arranjá-lo dá trabalho e normalmente não me posso maçar com isso, pelo que me limito a apanhá-lo num rabo de cavalo desleixado.

– Não sou propriamente uma Mayfair Lady – digo em voz alta. Ao observar-me, consigo ver o impacto de tudo por que passei recentemente. O rosto cansado, uma tristeza no olhar que parece não desaparecer. Por alguma razão, pareço ligeiramente mais pequena, como se tivesse sido esmagada pelo peso da infelicidade. – Sê forte – murmuro, tentando encontrar o antigo brilho no meu olhar vazio.

Final, foi por isso que vim. Não porque esteja a fugir – embora

isso também possa ser parte do processo –, mas porque quero re-descobrir o meu velho «eu», o que tinha vivacidade, coragem e interesse pelo mundo.

A não ser que essa Beth tenha sido completamente destruída.

Não quero pensar dessa forma, mas é difícil evitá-lo.

O número 514 fica ao fundo de um corredor alcatifado e silencioso. As chaves entram suavemente na fechadura, e um minuto depois estou dentro de casa. Surpreendo-me ao ouvir um pequeno gorjeio, em forma de cumprimento, seguido por um miado agudo. Sinto um pelo macio e fofo passar-me pelas pernas e um corpo serpenteando-se, quase me fazendo tropeçar.

– Olá, olá! – exclamo, olhando para um pequeno focinho de bigodes pretos, com uma auréola de pelo escuro amarrotada, como uma almofada se onde esteve sentado. – Deves ser o *De Havilland*.

Mia novamente, revelando uma dentadura afiada e branca e uma lingueta rosada. Olho em volta enquanto o gato ronrona freneticamente, se esfrega com força nas minhas pernas, contente por me ver. Ainda só vi o *hall* de entrada, mas posso afirmar desde já que Celia se manteve fiel à estética dos anos 30 do edifício. O chão é de azulejos pretos e brancos, com um tapete de caxemira branca ao centro. Debaixo de um espelho *Art Déco*, está uma mesa decorativa preta ladeada geometricamente por focos cromados. Sobre esta, uma enorme taça com rebordo prateado, uma jarra de cada lado. Tudo é elegante, discreto e bonito.

Não esperava outra coisa. O meu pai tinha sido irritantemente vago sobre o apartamento da madrinha, que visitara nas poucas vezes em que passara por Londres, mas sempre me deu a ideia de que seria tão glamoroso como a própria Celia, que começou a carreira como modelo, ainda na adolescência, teve imenso sucesso e ganhou muito dinheiro, mas, mais tarde, desistiu, tornando-se jornalista da área. Casou-se e divorciou-se, repetiu a dose e, neste momento, está viúva. Nunca teve filhos, o que provavelmente explica porque se manteve tão jovem e vibrante. Lidou com o meu pai de forma indolente e irregular, entrando e saindo da vida dele, conforme os seus caprichos. Por vezes, passava anos sem saber nada dela; depois, aparecia, do nada, carregada de presentes, sempre distinta

e na crista da onda, cobrindo-o de mimos para o compensar pela negligência. Lembro-me de a encontrar algumas vezes, quando eu era uma adolescente tímida, que andava de *T-shirt*, com as pernas tortas enfiadas nuns calções, o cabelo por todo o lado, achando que jamais poderia alcançar a sofisticação e o brilho daquela mulher, de cabelo prateado à *garçonne*, roupas fabulosas e joias deslumbrantes.

O que é que estou para aqui a dizer? Mesmo agora, não me consigo imaginar a ser como ela. Nem por um segundo.

E, no entanto, aqui estou eu, em casa dela, que será toda minha durante cinco semanas.

O telefonema chegou sem aviso. Não tinha dado por nada, até o meu pai desligar e me dizer, perplexo:

– Que tal uma temporada em Londres, Beth? A Celia vai estar fora, precisa de alguém para tratar do gato e lembrou-se de que talvez te agrade a hipótese de aproveitares a casa dela por uns tempos.

– Eu? Em casa dela? – repeti, levantando a cara do livro.

– Sim. É num bairro fino, acho. Mayfair, Belgravia, um desses sítios. Não vou lá há anos. – Lançou um olhar à minha mãe, surpreendido. – A Celia vai fazer um retiro na floresta de Montana durante cinco semanas. Pelos vistos, precisa de se renovar espiritualmente. Tal como tu.

– Bem, isso mantém-na jovem – respondeu a minha mãe, enquanto passava um pano pela mesa da cozinha. – Não é qualquer pessoa de setenta e dois anos que se propõe fazer isso. – Observou a mesa que acabara de esfregar com um ar pensativo. – Parece-me muito bem, adoraria fazer um retiro desses.

No rosto dela, via-se que pensava em caminhos que poderia ter tomado, outras vidas que poderia ter vivido. O meu pai preparava-se para fazer um comentário trocista, mas deteve-se ao observar a expressão dela. Fiquei satisfeita com isso: ela desistiu da carreira quando se casou para se dedicar a mim e aos meus irmãos. Acho que tinha direito aos seus devaneios.

O meu pai dirigiu-se a mim.

– Então, Beth, que te parece? Estás interessada?

A minha mãe olhou-me nos olhos, e percebi logo. Queria que eu

fosse. Sabia que era o melhor que podia acontecer nestas circunstâncias.

– Deves ir – disse baixinho. – Vai ser uma lufada de ar fresco, depois do que te aconteceu.

Fiquei quase a tremer. Não suportava sequer falar do assunto. Corei de humilhação.

– Poupa-me – murmurei, e os olhos encheram-se-me de lágrimas. A ferida ainda estava em carne viva.

Os meus pais entreolharam-se até que ele disse bruscamente:

– Talvez a tua mãe tenha razão. Fazia-te bem arejar.

Quase não saíra de casa durante um mês. Não aguentava a ideia de os ver juntos. Adam e Hannah. Pensar nisso enojava-me, revirava-me o estômago; deixava-me zozna como se estivesse prestes a desmaiar.

– Talvez – respondi timidamente. – Vou pensar nisso.

Não ficou nada determinado naquela noite. Tinha dificuldade em levantar-me de manhã, quanto mais tomar uma decisão daquelas. A minha autoconfiança estava tão abalada que mal sabia o que comer ao almoço, muito menos se seria bom aceitar a proposta de Celia. Afinal, apostara tudo em Adam, e dera o resultado que se viu. No dia seguinte, a minha mãe ligou a Celia e estiveram a falar sobre alguns aspetos práticos; nessa noite, eu própria falei com ela. Só de lhe ouvir a voz, plena de vitalidade e confiança, fiquei com outro alento.

– É um favor que me fazes, Beth – disse convictamente –, mas acho que também te vais divertir. Está na altura de saíres desse sítio sem horizontes e veres um pouco do mundo.

Celia era uma mulher independente e senhora do seu nariz. Se acreditava que eu era capaz, então, tinha razão. Por isso, disse que sim. Sabia que tinha de o fazer, mesmo que, com a data a aproximar-se, me tenha sentido desanimada e procurado encontrar formas de me esquivar. Se conseguisse fazer as malas e partir para uma das maiores capitais do mundo, então, talvez ainda houvesse esperança para mim. Adorava a pequena cidade de Norfolk, onde crescera, mas se só conseguia andar a choramingar pelos cantos da casa, incapaz de enfrentar o mundo lá fora por causa do que Adam fizera, o melhor era desistir e sair dali rapidamente. Na verdade, o que me prendia?

Tinha um emprego a meio tempo num café que me ocupava desde os 15 anos e que só interrompi quando fui para a universidade. Os meus pais? Dificilmente. Eles não queriam ver-me enfiada no quarto, a lamentar-me pelos cantos. Tinham sonhado mais para mim.

A verdade é que voltei por causa do Adam. Antes de aceitarem novos e entusiasmantes empregos, os meus amigos da universidade tinham ido viajar, ou mudaram-se para outros países. Ouvia-os falar das aventuras que os esperavam, sabendo que o meu futuro também me esperava naquela pequena cidade. Adam era o centro da minha vida, o único homem que amava, e nem pus a hipótese de nos separarmos. Ele trabalhava, desde o liceu, para a empresa de construção do pai, na esperança de um dia ficar com o negócio, e estava bastante feliz com a perspetiva de passar a vida inteira no sítio onde crescera. Não tinha a certeza de que isso fosse um bom destino para mim, mas sabia que o amava e podia suspender os meus desejos de viajar e explorar o mundo por algum tempo, para podermos estar juntos.

Mas, neste momento, não tinha opção.

De Havilland mia languidamente junto dos meus tornozelos, dando-me uma marradinha para me lembrar da sua presença.

– Desculpa, bichano – digo, em jeito de justificação, pousando a mala. – Estás com fome?

O gato mantém-se colado às minhas pernas enquanto eu tento descobrir a cozinha, abrindo uma porta para um bengaleiro e depois outra que dá acesso a uma casa de banho. À terceira tentativa lá a descobri, encontrando as taças do gato, alinhadas sob a janela ao fundo. Estão brilhantes de tão lambidas, o que demonstra que *De Havilland* deve estar ansioso pela próxima refeição. Do outro lado, na pequena mesa, para duas pessoas no máximo, vi embalagens de ração para gato e um bloco. Na primeira página, em letras gatafunhadas à pressa, estava um recado:

Olá, querida!

Vieste. Ótimo. Aqui está a comida do De Havilland. Alimenta-o duas vezes por dia, enchendo a taça pequena até cima, como se fosse de aperitivos, que, felizmente, só precisam de ser

acompanhados por água fresca. Deixo-te mais instruções nas folhas abaixo, mas na verdade, querida, não há regras. Diverte-te! Até daqui a cinco semanas,

C xx

Por baixo do bilhete, lá estão as folhas impressas sobre como mudar o caixote da areia do gato, o funcionamento dos eletrodomésticos, o lugar da caldeira, o *kit* de primeiros socorros e um conjunto de contactos em caso de emergência. Aparentemente, o porteiro era o meu primeiro porto de abrigo. Porteiro, porto de abrigo. Eh lá, se já estou a fazer graçolas, mesmo que fraquinhas, talvez isto esteja a resultar.

De Havilland mia suplicante, ininterruptamente, com uma expressão faminta, fixando-me com os seus olhos amarelados.

– O jantar está quase pronto – digo.

Quando *De Havilland* está já a petiscar, com água limpa na taça ao lado, vou dar uma volta pelo apartamento, deslumbrando-me com a casa de banho em tons de branco e preto, com cromados e acabamentos em baquelite. Instalo-me no maravilhoso quarto: uma cama de dossel prateada com uma cobertura nívea, repleta de almofadas brancas, e papel de parede com decorações chinesas e papagaios de plumagem exuberante observando-se nas ramagens de cerejeiras em flor. Há um grande espelho dourado por cima da lareira e um toucador antigo junto à janela ao lado de uma poltrona de veludo púrpura.

– Que bonito – digo em voz alta. Talvez aqui absorva alguma da sofisticação de Celia e consiga tornar-me uma pessoa distinta.

Ao caminhar pelo corredor em direção à sala, apercebo-me de que a casa é melhor do que alguma vez pude imaginar. Pensei que encontraria um espaço funcional, reflexo de uma mulher independente e bem na vida. Mas isto é outra coisa, como nunca vi. A sala de estar é ampla, decorada em tons de pastel verde e creme, com detalhes em preto, branco e prateado. Os anos 30 são magnificamente evocados pelo desenho dos móveis, os cadeirões com braços curvos e largos, o sofá comprido com muitas almofadas, as linhas sóbrias

de um candeeiro de leitura e os contornos angulosos de uma moderna mesa de café preta e lacada. A parede ao fundo é preenchida por uma estante embutida, cheia de livros e bibelôs, entre os quais magníficas peças de jade e esculturas orientais. A parede em frente da janela está pintada num tom tranquilizante de verde-claro, interrompido apenas por painéis de prata com delicados salgueiros desenhados, as superfícies tão brilhantes que quase parecem espelhos. Entre os painéis, luzes suspensas com quebra-luzes de vidro fosco derramam uma sombra clara, e, no chão, encontra-se um tapete de pele de zebra antigo.

Estou deslumbrada com a evocação desta era de elegância. Encanta-me tudo o que vejo, desde as jarras de cristal com longos e grossos caules de lírios brancos ao par de vasos chineses em cada ponta da lareira cromada e brilhante, acima da qual se encontra uma imponente peça de arte moderna, que, num olhar mais atento, percebo ser de Patrick Heron: grandes rasgões de cor, vermelho-vivo, tijolo, ocre, vermelho-alaranjado, criando uma emoção agitada naquele oásis de suaves verdes e brancos.

Olho em volta, boquiaberta. Não fazia ideia de que as pessoas criavam espaços como estes para viver, cheios de objetos belos, impecavelmente cuidados. Não é como a minha casa, encantadora e reconfortante, mas sempre muito desarrumada e com pilhas de coisas de que já não precisamos.

O meu olhar desvia-se para a janela, a todo o comprimento da sala. Tem estores venezianos, que, apesar de normalmente terem um aspeto antiquado, ficam mesmo bem aqui. As outras janelas não têm qualquer proteção, apesar de estarem voltadas para um bloco de apartamentos. Aproximo-me e olho lá para fora. Sim, um edifício idêntico a este está mesmo ali à frente.

Que estranho! Tão próximos! Porque será que os construíram assim?

Espreito, para me orientar. Começo então a entender. O edifício está construído em forma de U em redor de um amplo jardim. Será este o jardim de Randolph Gardens? Encontra-se mesmo por baixo de mim; à esquerda, vejo outra grande área relvada com canteiros de flores resplandecentes, cercados por plantas e árvores no esplendor

da estação estival. Também vejo trilhos, um campo de ténis, bancos, uma fonte e um relvado onde algumas pessoas aproveitam o calor do fim da tarde. O edifício ocupa três lados do jardim, pelo que a maioria dos inquilinos tem vista sobre ele. Mas a forma em U faz um estreito corredor que liga a parte ajardinada à da frente, virada para a estrada, e os apartamentos de ambos os lados estão voltados uns para os outros. No todo, são sete, e o da Celia fica no quinto andar, de frente para o número oposto, mais perto do que estariam se fossem separados por uma rua.

Será que foi mais barato por causa disso? Penso distraidamente nesta ideia, olhando pela janela. Não admira que a decoração seja em tons claros e tenha painéis de prata brilhantes: a casa tem obviamente uma luminosidade reduzida por estar tão perto dos outros apartamentos. *Mas, na verdade, o importante é a localização. Continua a ser Mayfair.*

O sol deixou de bater neste lado do prédio, e a casa ficou mergulhada numa confortável escuridão. Dirijo-me a um dos candeeiros para o acender, quando o meu olhar é atraído por um quadrado dourado e brilhante que vislumbro pela janela. É o apartamento em frente, que tem as luzes acesas, num recorte bem iluminado, como se fosse um ecrã de cinema ou um palco de teatro. Paro repentinamente e sustenho a respiração. Está um homem ali. Tudo normal, não fosse o facto de se encontrar em tronco nu, usando apenas umas calças pretas, o que me desperta a atenção. Apercebo-me de que estou espedada a vê-lo passear-se pela sala de estar, ao telefone, exibindo, sem dar por isso, um corpo impressionante. Embora não lhe consiga distinguir os traços claramente, dá para perceber que também é bonito, com um cabelo preto espesso, um rosto clássico e simétrico, sobrancelhas grossas e marcadas. Percebo que tem ombros largos, braços musculados, peitorais e abdominais bem definidos e que está bronzeado como se tivesse acabado de chegar de um destino tropical.

Observo-o, constringida. Será que este homem desconfia de que eu consigo vê-lo a passear-se pela sala de estar seminu? Calculo que não; como estou na sombra, não há maneira de ele saber que está gente em casa e que alguém o possa estar a observar. Essa ideia

descontraí-me e fico só a apreciar as vistas. É um homem bem constituído, um conjunto tão harmonioso e belo, que quase parece irreal. É como ver um ator na televisão, uma miragem deliciosa que posso gozar à distância. De repente, solto uma gargalhada. Celia, de facto, tem tudo: uma vista destas é uma melhoria na qualidade de vida.

Fico a ver a cena mais um bocado, o homem a falar ao telefone vagueando pela sala. Até que ele abandona a divisão.

Talvez tenha ido vestir alguma coisa, penso, ligeiramente desiludida. Agora que já não está ali, decido acender o candeeiro, e a sala é invadida por um tom alaranjado. A esta luz, parece-me linda outra vez, com efeitos novos, pintalgando os painéis prateados e dando às peças de jade um matiz rosado. *De Havilland* entra silenciosamente e sobe para o sofá; olha para mim expectante. Aproximo-me e sento-me; o bichano salta-me para o colo, ronronando alto e bom som como se fosse uma máquina, gira sobre si em círculos e instala-se. Acaricio-lhe o pelo macio, enterrando os dedos e sentindo conforto no seu calor.

Ainda penso no homem do apartamento em frente. Era tão atraente e movia-se com tanta elegância e à vontade. Estava sozinho mas não parecia nada solitário. Talvez falasse com a namorada ao telefone, ou com qualquer outra pessoa, e ela o esperasse no quarto. Ali, ele despiu o resto da roupa, deitou-se ao seu lado e encostou os lábios aos dela. A rapariga esperava-o de braços abertos e estreitou aquele corpo perfeito num abraço apertado.

Para. Estás a piorar a situação.

Caio em mim. Bruscamente, Adam vem-me à cabeça e vejo-o como costumava ser, com um sorriso rasgado. Foi sempre o sorriso dele que me encantou, a razão por que me apaixonei. Era um sorriso assimétrico, fazia covinhas naquele rosto de olhos azuis, brilhantes e vivos. Apaixonámo-nos no verão dos meus 16 anos, naqueles dias ociosos e longos de férias, sem nada para fazer a não ser divertirmo-nos. Encontrávamo-nos no convento em ruínas e passávamos longas horas a passear à toa, conversávamos e beijávamo-nos. Parecia que nunca nos fartávamos um do outro. Adam fora um adolescente magricela, um rapazote, enquanto eu já chamava a atenção de outros homens, que me olhavam para o peito quando

me cruzava com eles na rua. Um ano depois, quando dormimos juntos, foi a primeira vez para ambos. Uma experiência estranha e desajeitada, bela porque nos amávamos, embora nenhum de nós tivesse a menor ideia sobre como fazer aquilo bem. Melhorámos bastante, e não me via a fazer amor com mais ninguém. Como poderia ser tão terno e bom com outra pessoa? Adorava quando ele me beijava, abraçava e dizia que me amava mais do que tudo. Nunca olhei sequer para outro homem.

Não faças isso a ti própria, Beth! Não te recordes. Não o deixes magoar-te mais.

Quero apagar estas imagens, mas elas trespassam-me a mente. Vejo-as perante os meus olhos, com a mesma nitidez com que revivo aquela noite terrível em que fiz *babysitting* em casa dos vizinhos e era suposto ficar lá até depois da meia-noite, mas o casal voltou mais cedo porque a senhora teve uma grande dor de cabeça. Às dez da noite já estava livre, e eles pagaram-me a noite completa.

«Vou fazer uma surpresa ao Adam», decidi alegremente. Ele vivia em casa do irmão, Jimmy, e pagava muito pouco por um quarto. Jimmy estava fora, por isso, ele tinha convidado uns amigos para lá irem beber umas cervejas e ver um filme. Pareceu-me desapontado quando lhe disse que não poderia passar a noite com eles; logo, achei que ficaria contentíssimo quando aparecesse inesperadamente.

A memória é tão vívida que parece que estou lá outra vez, entrando na casa escura, espantada por não ver ninguém, imaginando para onde teriam ido os rapazes. A televisão desligada, ninguém refastelado no sofá a abrir latas de cerveja e a dizer umas graças sobre o filme. Apercebo-me de que a minha visita não terá o efeito esperado. Talvez Adam esteja doente e tenha ido direto para a cama. Caminho pelo corredor em direção ao quarto dele. É tudo tão familiar que podia ser a minha casa.

Estou a rodar a maçaneta da porta e digo em voz baixa, para o caso de o encontrar adormecido:

– Adam?

Vou entrar, de qualquer forma, e, se ele estiver a dormir, limito-me a contemplar aquele rosto que amo tanto, tentando adivinhar-lhe os sonhos, talvez lhe dê um beijo e me enrosque junto dele...

Empurro a porta. O candeeiro está aceso, aquele candeeiro que ele gosta de cobrir com um pano vermelho quando fazemos amor, para que os nossos corpos fiquem na semiobscuridade... Na verdade, vejo o mesmo brilho avermelhado, talvez não esteja a dormir. Tento apurar a visão. Há um alto no edredão, em movimento. O que é que ele está a fazer?

– Adam? – chamo outra vez, mas agora mais alto. O movimento para, e a forma sob o edredão altera-se; a coberta cai e eu vejo...

Falta-me o ar, tal é a dor que esta memória me causa; fecho os olhos com força, para afastar as imagens. É como um filme antigo que não consigo deixar de ver, mas desta vez tento carregar no botão de desligar, pego em *De Havilland* e coloco-o ao meu lado no sofá. Recordar ainda me deita abaixo, ainda me arrasa de repente. Vim para aqui porque quero seguir em frente e há que começar já.

O meu estômago dá sinal, e percebo que estou com fome. Vou à cozinha procurar alguma coisa para comer. O frigorífico de Celia está praticamente vazio; faço uma nota mental de que tenho de ir ao supermercado assim que puder, amanhã. Abro o armário e encontro bolachas de água e sal e uma lata de sardinhas, o que, por agora, servirá perfeitamente. Na verdade, estou com tanta fome que me sabe muito bem. Lavo o prato e de repente bocejo profundamente. Olho para o relógio: ainda é cedo, nem são nove horas, mas estou exausta. Foi um dia longo. Ter acordado, ainda hoje, no meu velho quarto, parece-me quase inacreditável.

Decido que me vou deitar. Além disso, quero experimentar aquela cama lindíssima. Como pode uma rapariga resistir a uma cama de dossel prateada? É impossível. Volto à sala para apagar as luzes. Tenho a mão no interruptor quando reparo que o homem voltou. As calças pretas foram substituídas por uma toalha enrolada em volta da cintura, tem o cabelo molhado puxado para trás. Está de pé no meio da sala, junto à janela, a olhar diretamente para o meu apartamento. Na verdade, observa-me, de testa franzida, e eu encaro-o também. Fixamo-nos mutuamente, embora estejamos demasiado distantes para conseguirmos interpretar as *nuances* das expressões um do outro.

Então, num movimento quase involuntário, o meu dedo carrega no interruptor, e a luz apaga-se de forma obediente, mergulhando

a sala na escuridão. Ele já não me pode ver, mas a divisão oposta continua brilhante e luminosa, mais do que antes, porque agora a observo na sombra. O homem avança para a janela, inclina-se sobre o parapeito, procurando espiar-me. Estou petrificada, quase sem respirar. Não consigo explicar porque é tão importante não ser vista, mas não resisto ao impulso de me manter escondida. Ele permanece ali mais uns instantes, de testa franzida, e eu espreito, sem me mexer, mas conseguindo admirar-lhe o tronco e o modo como os bíceps se dilatam quando se apoia neles.

Desiste e volta para dentro de casa. Aproveito a oportunidade e escapo-me para o *hall*, fechando a porta atrás de mim. Aqui não há janelas, não posso ser observada. Respiro fundo.

– O que foi isto? – pergunto em voz alta, e o som da minha voz tranquiliza-me. Rio-me. – OK, já chega. O tipo vai achar que sou maluca se me vir escondida no escuro, a brincar às estátuas, de cada vez que penso que me pode estar a ver. Está na hora de ir para a cama.

Lembrei-me de *De Havilland* mesmo a tempo e volto a abrir a porta da sala, para que ele possa sair. Tem a caixa de areia na cozinha e precisa de ter acesso livre, por isso, vou certificar-me de que a porta está aberta. Estou prestes a apagar o candeeiro do *hall*, mas hesito por um momento e acabo por deixar a luz acesa.

Já sei que é infantil acreditar que a luz afasta os monstros e impede os ladrões e os assassinos de entrarem, mas estou sozinha numa grande cidade e, por esta noite, decido assim.

Mesmo aninhada no conforto macio da cama de Celia e com tanto sono que mal consigo manter os olhos abertos, tenho receio de apagar o candeeiro da mesa de cabeceira. Acabo por dormir a noite inteira com aquela luz suave, mas estou tão cansada que nem reparo.